



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ADRIANA PEREIRA DA SILVA

**PAULO FREIRE E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO POPULAR COMO
RESULTADO DO ENSINO-APRENDIZAGEM**

**MONTEIRO
2018**

ADRIANA PEREIRA DA SILVA

**PAULO FREIRE E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO POPULAR COMO
RESULTADO DO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Linguística, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto.

**MONTEIRO
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Adriana Pereira da.
Paulo Freire e o conceito de educação popular como resultado do ensino-aprendizagem [manuscrito] : / Adriana Pereira da Silva. - 2018.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Otacilio Gomes da Silva Neto, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Educação popular. 2. Paulo Freire. 3. Processo de Ensino-Aprendizagem.

21. ed. CDD 370.115

ADRIANA PEREIRA DA SILVA

PAULO FREIRE E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO POPULAR COMO
RESULTADO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras – Língua
Portuguesa do Centro de Ciências
Humanas e Exatas da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de graduação
em Letras.

Área de concentração: Linguística,
Letras e Artes.

Aprovada em: 07/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Otacílio Gomes da Silva Neto

Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Christina G. M. Nogueira

Profa. Msc. Christina Gladys de Mingareli Nogueira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria da Conceição A. Teixeira

Profa. Esp. Maria da Conceição Almeida Teixeira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, Sebastião, minha Mãe Ivamácia, pela dedicação, companheirismo e amizade, cito também minhas irmãs, Adrielle e Ranielle que sempre estiveram ao meu lado.
Dedico

AGRADECIMENTOS

À direção e coordenação do curso de Letras do Campus VI, poeta Pinto do Monteiro.

Ao professor Otacílio pelas leituras sugeridas ao longo desta orientação e pela dedicação.

Ao meu pai, Sebastião, que sempre me incentivou a buscar e trilhar novos caminhos.

À minha mãe, Ivamária, que sempre me deu força ao longo dessa jornada.

Às minhas irmãs, Adriele e Raniele, que sempre me impulsionaram para o melhor.

À minha bisavó, Severina, que apesar de não estar fisicamente entre nós, sentia sua presença, como sempre fazia ao dar conselhos.

Às minhas avós, Ivone e Creuza, por passarem o valor da família.

Às colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial a minha grande amiga, Caroline Soares, pois compartilhamos vários momentos e hoje nossa amizade vai além do meio acadêmico.

“A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade na qual o homem está radicado”.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DESENVOLVIMENTO	8
2.1 PROBLEMATIZAÇÃO	9
2.2 METODOLOGIA	9
2.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO	9
2.3.1 Conceito de educação popular	9
2.3.2 Educação popular: sujeito e conscientização	13
2.3.3 Educação Popular: reprodução e transformação social	19
3 CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24

PAULO FREIRE E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO POPULAR COMO RESULTADO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

Adriana Pereira Da Silva

RESUMO

O objetivo desse trabalho é o de investigar o conceito de educação popular como resultado do ensino-aprendizagem, a partir das ideias de Paulo Freire. Para desenvolvermos nosso trabalho partimos do conceito e do surgimento da educação popular na perspectiva de Freire e Nogueira (2005). Apoiados pelas ideias de Libâneo (2008) e Arruda Aranha (2006), vimos que a educação popular se circunscreve entre a educação não-formal e informal, fazendo-se a saber que esses dois tipos de educação tem menor grau de intencionalidade, vivenciada no dia a dia das pessoas. A educação popular surge como resultado do fracasso da educação pública. Em seguida, relacionamos a educação popular à conscientização, uma das temáticas centrais da pedagogia de Freire (2006). Por último, inserimos a discussão envolvendo a educação popular contrastando as atuações dos “técnicos” e dos educadores populares. Nessa perspectiva, utilizamos, baseados em Freire (2011), os conceitos de educação bancária como guia da ação dos “técnicos” e da “educação problematizadora” como orientadora da ação dos educadores populares. Nesses contrastes, percebemos que o resultado da ação dos técnicos ao construir muros entre o ensino e a aprendizagem, favorece um tipo de deformação pedagógica na qual há a naturalização e perpetuação das desigualdades. Em contrapartida, a ação/reflexão construída pelos educadores e o povo das comunidades, encoraja a transformação social em vista da humanização da sociedade.

Palavras-chave: Educação Popular. Processo de Ensino-Aprendizagem. Paulo Freire

1 INTRODUÇÃO

A educação popular de acordo com Freire e Nogueira (2005) é um tipo de saber vivenciado pelas pessoas do meio popular. Como “prática política” (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 19), a educação popular pode vir a encorajar os sujeitos fazendo com que eles se organizem e superem os obstáculos sociais e políticos em vista da sua

libertação. Sendo assim, por meio desta educação, pessoas interagem e vão criando novas maneiras de compreender a realidade a partir das vivências do dia a dia.

Tendo como base a perspectiva freiriana, defendemos a ideia segundo a qual a educação popular é definidora para a formação dos sujeitos, uma vez que a mesma estabelece uma relação dialética entre o contexto social marcado pela desigualdade e as pessoas que nele emergem. A meta nesse caso da educação popular é a de tornar as pessoas críticas diante de sua realidade e potencialmente capazes de superar os desafios diários. A formação de quadros para o exercício da prática política libertadora impulsionaria mobilizações sociais em que o “saber-fazer” caracterizaria a interação entre as pessoas no mundo.

Em meio aos dilemas em torno da educação formal pública, Paulo Freire defende a educação popular, pois, as pessoas do meio popular deveriam ter um modo próprio de educar e serem educadas por meio de lutas constantes, em busca de uma realidade e um futuro melhor. O objetivo da educação popular seria o de refletir criticamente sobre a realidade para desmascarar às condições precárias nas quais as massas foram jogadas devido aos descasos de um poder público elitizado. Assim, o público ao qual Paulo Freire destina sua mensagem inclui pessoas ligadas ao meio popular, intelectuais socialmente engajados e outros mais interessados no assunto.

A escolha da temática deu-se em vista de investigar e refletir sobre uma perspectiva de educação informal e não-formal, fazendo-se saber que a educação informal é aquela de caráter não-intencional, e a não-formal é aquela com um baixo grau de intencionalidade. A educação popular possibilita o surgimento de uma consciência crítica diante da realidade. Podendo os mesmos ter a possibilidade de interagir reflexivamente para humanizar o seu meio.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é basear-se na teoria de Freire e Nogueira (2005), para discutir e analisar a importância da educação popular para a formação dos sujeitos. Pretende-se alcançar este objetivo analisando de forma qualitativa os aportes teóricos que tratam deste tema. Percebemos ainda que diante do processo de pesquisa, o tema relacionado a Paulo Freire e o conceito de educação popular carece permanentemente de pesquisas e aprofundamentos em nível acadêmico como meio de enriquecer o ensino-aprendizagem.

2 DESENVOLVIMENTO

Para desenvolvermos nossa pesquisa, nós a dividiremos em subtópicos a fim torna-la mais didática. Assim, iniciaremos com a nossa problematização, em seguida, apresentaremos a nossa metodologia que foi trabalhada na pesquisa. Feita essa etapa, continuaremos o desenvolvimento da mesma com o subtópico relacionado à análise e discussão da temática para chegar aos resultados da pesquisa e as referências utilizadas.

2.1 Problematização

A nossa problematização nesse trabalho teve como meta enfrentar a seguinte questão: qual a importância da educação popular enquanto fonte de ensino-aprendizagem para a formação do sujeito na perspectiva freiriana? Sendo uma questão que nos faz refletir sobre uma educação que envolve a educação informal e não-formal, portanto, fora da organização de uma educação formal, mas que ainda é imprescindível para o desenvolvimento do sujeito.

2.2 Metodologia

A nossa pesquisa foi realizada nos parâmetros de uma abordagem filosófica, através de uma análise conceitual e explicativa, pois de acordo SEVERINO (2007, p. 123) “a pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental\matemático, seja através de interpretação possibilitada pelo método explicativa”. Utilizamos o método da pesquisa bibliográfica embasando-nos em autores como Freire e Nogueira (2005), Freire (2006, 2011), Arruda Aranha (2006) e Libâneo (2008). Nessa pesquisa, fizemos leitura, interpretação, fichamentos, produção de textos a partir de debates e discussões nas quais foram fundamentais para a elucidação e desenvolvimento da mesma.

2.3 Análise e discussão

2.3.1 Conceito de educação popular

Encontramos o conceito de educação popular na obra: “Que Fazer: Teoria e Prática em educação popular”, de Freire e Nogueira (2005), livro escrito na estrutura de um diálogo entre esses dois educadores. Freire e Nogueira (2005) almejam dar um caráter dialógico à obra no intuito de torná-la mais acessível ao seu público. O objetivo é didático: Freire e Nogueira (2005) querem ser claros para com os seus leitores do meio popular, conforme citação:

Uma pergunta primeiro, Paulo. E faço dela uma introdução ao nosso assunto: educação popular. Como foi que “brotou” tudo isso? Como veio a surgir esse conjunto de esforços a que chamamos de educação popular? Isso tem enriquecido ao pensamento de muita gente, nós sabemos; e é um tipo de riqueza que foi necessária para algumas pessoas, foi urgente para alguns momentos da vida brasileira (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 15).

Em resposta à Nogueira, Freire (2005) pontua que a sua pergunta inclui outras séries de questionamentos e que o educador brasileiro pretende desdobrá-la em outras tantas reflexões.

Essa pergunta que tu fazes, ela contém em si mais de uma pergunta. Vou desdobrá-la em reflexões que me parecem importantes. Tu perguntas, Adriano, sobre o nascimento da educação popular. Como isso se deu? [...] estamos tratando da dimensão popular que veio marcar o pensamento pedagógico (FREIRE e NOGUEIRA, 2005. p. 15-16).

A partir desse diálogo, o educador recifense fala à Nogueira que a educação popular ganha força a partir de três razões pelas quais aquele pretende justificar a importância desse tipo de educação: a primeira envolve toda a questão política em volta do conceito. A segunda faz referência ao fenômeno da industrialização urbana, e a terceira revela, na visão de Freire e Nogueira (2005), os dilemas presentes na educação formal.

Assim, a primeira razão caracteriza-se por ser de ordem política. Freire e Nogueira (2005) se referem ao populismo, ou o educar para garantir a alfabetização para o voto. Esse tipo de postura pedagógica populista é criticada por Freire e Nogueira (2005), pois ela teoricamente ofereceria uma autonomia para as massas, porém, na realidade, era apenas mais uma forma delas obedecerem ao “chefe”. Percebe-se que a educação popular nesse contexto é radicalmente contrária aos populismos.

No populismo, educa-se para obedecer aos chefes. Na educação popular é diferente, as pessoas se educam a partir de conversas e debates que têm entre elas, tendo por base as dificuldades do cotidiano. Ela surge do enfrentamento dialógico

baseado nas experiências de vida das camadas populares. A nova consciência crítica que emerge a partir disso, as impedem de serem manipuladas pelos sujeitos estranhos às condições nas quais estão constantemente submetidas.

O processo de industrialização urbana representa a segunda razão pela qual a educação popular ganha forças. Esse processo é causa da imigração para os grandes centros, nas quais, as massas se aglomeram em condições precárias. A reflexão sobre as causas e as consequências da migração – expulsão do campo – e da precariedade para onde migraram, sinalizam um processo de educação advindo das próprias massas, de acordo com Freire e Nogueira (2005, p. 16): “[...] muita migração em direção as cidades; muitas pessoas sendo expulsas do campo e aí também surgiram movimentos onde a população refletia sobre essa migração”.

Um método eficaz de alfabetização surgiu desse movimento, cujo objetivo era o de integrar os imigrantes ao processo de industrialização. Esse método refletia as condições de vida da própria população, ao invés de cartilhas antiquadas cujas palavras pouco ou nada diziam da vida concreta dessa nova classe suburbana. Conforme citação:

As massas de migrantes deveriam ser educadas em um curto prazo para se integrarem no progresso. Falava-se bastante em educação de adultos. Essa educação de adultos buscava apontar uma relação entre educar pessoas com vista na transformação (o progresso) da sociedade inteira. Havia muita gente participando nessa reflexão (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 16-17).

A partir da necessidade de se educar para que as pessoas se integrassem ao progresso, a educação popular ganha forças e o educar, não teria objetivo somente de levar as pessoas ao para o voto, mas, agora visava a transformação.

A terceira razão faz referência ao fracasso e aos dilemas da educação escolar pública por ser um tipo de educação excludente e precária, que refletia as relações sociais cambiantes da sociedade. Desse modo, a educação popular almejava resgatar esse montante de pessoas marcadas pelo fracasso escolar na educação formal, conforme citação: “Bom... se a escola era insuficiente... tínhamos que encontrar os motivos. E esse pensamento de buscar as razões era um pensamento amparado na participação das massas populares na transição do país” (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 17).

Por isso que a educação popular ao reagir contra o fracasso da escola pública, lançava as bases para um outro tipo de educação cujo objetivo era o de contribuir com a transformação da sociedade, conforme Freire e Nogueira (2005, p. 17): “Portanto, haveria um tipo de educação não apenas para transformar as pessoas... mas haveria educação que refletisse com as pessoas a transformação do país inteiro”. A teoria de

abordagem freiriana coloca que com às insuficiências das escolas, obriga-se a pensar em outro tipo de educação fora das escolas, seria mais próxima dos moldes de uma educação informal e não-formal, que viria a transformar o contexto, proporcionando uma reflexão ampliada com as pessoas nos diversos contextos do país.

Neste sentido, faz-se necessário diferenciarmos as duas modalidades de educação intencional: a formal, não-formal; e a de caráter não-intencional que é a informal, Conforme Libâneo (2008, p. 88-89):

Formal refere-se a tudo que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não-convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal. Nesse caso são atividades educativas formais tanto a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do *escolar* propriamente dito.

Fica claro que de acordo com Libâneo (2008), a intencionalidade, sistematicidade, planejamento, trabalho pedagógico e didático são características da educação formal, então ela pode ocorrer nos tempos atuais em diversas atividades educativas, inclusive na sindical. Quanto a educação não-formal, o mesmo salienta que:

A educação não-formal por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém, com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc. (LIBÂNEO, 2008, p. 89).

Por ser menos estruturada do ponto de vista didático-pedagógico, a educação não-formal se distingue da educação formal. Embora, na educação não-formal está salvaguardado o processo de ensino-aprendizagem por também ser intencional. Por último, Libâneo desenvolve a ideia do que seria uma educação informal: “Educação informal é o processo contínuo de aquisição de conhecimentos e competências que não se localizam em nenhum quadro institucional, acrescentando ainda seu caráter não-intencional” (LIBÂNEO, 2008. p. 90).

Arruda Aranha (2006) tem um posicionamento semelhante ao de Libâneo (2008). Para Arruda Aranha (2006, p. 93) a educação informal é: “[...] aquela realizada na família, como primeiro e privilegiado espaço de transmissão da cultura, também se

estende no convívio com amigos, nas atividades de trabalho e de lazer”. A outra concepção de ensino seria, a não-formal, que segundo a autora: “[...] a aprendizagem se dá por meio da prática social [...]” (ARRUDA ARANHA, 2006, p. 95). Com isso percebemos que essa educação se dá pelas experiências do povo em trabalhos coletivos que geram o ensino-aprendizagem.

Da mesma forma, Arruda Aranha (2006), além de abordar as concepções de ensino informal e não-formal, trata também da concepção de ensino formal que: “[...] oficial e deve cumprir exigências legais [...]” (ARRUDA ARANHA, 2006, p. 94). Seria a educação sistematizada e organizada pelos órgãos públicos e privados. Percebemos que a educação popular em Freire (2005) se distancia dessa concepção formal, embora não a negue. A educação popular é mais próxima da educação não-formal e informal.

Para concluir esse tópico, vimos que Paulo Freire, em diálogo com Adriano Nogueira, apresentaram um conceito de educação popular a partir de três razões: políticas, industriais e os dilemas que circundam a educação formal, fazendo assim, surgir e justificar a importância da educação popular com vistas ao desenvolvimento dos sujeitos em meio aos diversos contextos nos quais estão inseridos.

Por isso, segundo Freire e Nogueira (2005, p. 19): “Entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica”. A capacitação científica e técnica em vista da mobilização das massas é vulnerável numa escola que reflete as profundas desigualdades sociais no país. Daí que a educação popular visa preencher essa lacuna deixada pela escola pública.

No próximo tópico discutiremos a educação popular como resultado do processo de conscientização dos sujeitos. Observaremos os exemplos que Freire e Nogueira (2005) nos oferecem para entender como podem os sujeitos se conscientizarem de suas realidades, deixando de ser objetos para serem protagonistas da realidade na qual estão inseridos.

2.3.2 Educação popular: sujeito e conscientização

Compreende-se o processo de educação popular como uma forma de conscientização e mobilização dos sujeitos. No intuito de oferecer recurso didático mais compreensível, Freire e Nogueira (2005) nos oferecem um exemplo de como as pessoas

das camadas populares podem se conscientizar. Nele, os educadores populares relatam, por meio de uma estória, um quadro de mulheres – cuja personagem central chama-se Débora – preocupadas com as suas condições de vida:

Pensemos nos grupos de mulheres com que a Débora¹ está atuando. Nos sábados há reunião desses grupos de mulheres; há um sonho de mudar a vida, existem propostas de fazer isso. É possível que nesse grupo de mulheres não haja relação entre sonhos de mudança, (proposta pelo grupo) e modos de mudar a sociedade em geral. Quero dizer: há níveis de educação popular. Eu pude ouvir algumas líderes daqueles grupos: elas compreendem a vida como luta pela vida. É uma compreensão experimentada, de peleja. Essa compreensão pôs a luta como centro: lutou para crescer, lutou para ter o café de hoje, lutou pra botar o filho crescendo...e essas lutas geram sonhos, geram a esperança de um amanhã diferente (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 21).

Embora metafórica, Freire (2005) relata a Nogueira que vivenciou diversas situações como essa nos centros urbanos. Ele assegura que nessas conversas não há necessariamente uma relação entre uma situação de exploração e a necessidade de mudar o contexto. A educação popular não se resume à mecanismos de causa (exploração) e efeito (mudança pragmática). Não é assim que as pessoas do meio popular pensam. É por isso que Freire e Nogueira (2005) se referem a “níveis de educação popular”.

Contudo, entre essas mulheres prevalece uma concepção de esperança para o futuro, pois, agindo de forma consciente a situação pode ir mudando devido à ação política das camadas populares sobre o meio em que vivem. Freire e Nogueira (2005) salientam ainda que há um ensino-aprendizagem entre o diálogo de Débora com as demais companheiras, embora esse ensino-aprendizagem não seja norteador por conteúdos pré-estabelecidos a serem, posteriormente, repassados. Mas, por meio da interação, do diálogo, ocorre o ensino-aprendizagem.

Débora, educadora popular, encoraja essas reuniões com o intuito de, junto com suas companheiras, desvelarem a realidade. Aqui há um ponto interessante na teoria de Freire e Nogueira (2005): Débora educa e é educada pelas companheiras não porque ela tem a mesma origem social das mesmas. Débora é de classe média, mas possui o mesmo sentimento de indignação das pessoas das comunidades. Apesar dessa educadora não enfrentar os mesmos problemas e não encarar a realidade difícil do dia a dia. Débora não conhece o desemprego e a exploração, não convive com a violência e não experimenta as lacunas e dilemas da escola pública daquela comunidade popular.

¹ Débora é uma personagem fictícia criada por Freire e Nogueira (2005). A mesma representa uma educadora popular de classe média e que sente a necessidade de, por meio do ensino-aprendizagem, interagir com as pessoas das comunidades populares. .

Contudo, por ter recursos acadêmicos, Débora não se coloca acima das pessoas da comunidade.

De acordo com Freire e Nogueira (2005), nessas reuniões ocorre uma pedagogia em confronto, ou seja, nessas reuniões são abordados assuntos relacionados as mudanças mais amplas da sociedade que envolvem a realidade dessas mulheres que moram em favelas, encorajados pela educadora popular. O conhecimento é construído a partir da reflexão por meio do diálogo em volta do chão em que elas estão inseridas. O desvelamento da realidade parte da situação local para incluir situações mais gerais da sociedade, conforme citação:

Sem perder a noção e o gosto de reunir-se em torno de si mesmas, essas mulheres atingem uma inteligência maior de propor atitudes coletivas buscando o futuro que a esperança deseja. Então... é quando aquelas reuniões de sábado a tarde alcançam relacionar-se também com um olhar sobre o todo da sociedade brasileira. É outro nível (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 22).

Neste sentido, percebemos que essas mulheres são portadoras do saber popular, adquirido por meio das lutas vivenciadas no dia a dia, um saber concreto que gera a conscientização. A luta e a vontade de superar obstáculos é, por si só, elemento motivador das reuniões dos grupos populares. Freire e Nogueira (2005, p. 22-23) citam como exemplo: “[...] eu luto porque tenho fome e vou à luta para buscar comida. Ou então: eu luto porque percebi que estou sendo explorado e há patrões que se beneficiam com minha exploração”.

Fica nítido que o saber popular se alinha com as interações entre sujeitos, tornando cidadãos capazes de sair da condição de dominados. Uma vez envolvidas com a educação popular, as pessoas são impulsionadas para a atitude de resistência. “Quero dizer, começam a surgir ações coletivas buscando obter algum resultado positivo para todos aqueles que resistem. É a eficácia da resistência, retroagindo sobre a opressão” Freire e Nogueira (2005, p. 23). Opressão, nesse sentido, não está relacionada com um mandatário, um general que exerce o poder por meio de um golpe, ou algo assim. Nesse contexto, o desemprego, a falta de comida e a violência são fenômenos que oprimem as pessoas, sobretudo as mais pobres.

Freire e Nogueira (2005, p. 35) pensam na união entre os intelectuais e as massas e aqui, é claro, há inspiração em Gramsci². O que une o educador popular nascido na favela com os intelectuais de classe média comprometidos com a libertação das massas populares é o vínculo entre educação e política, ou pensamento e ação.

² Antônio Gramsci foi um pensador marxista e ativista político nas primeiras décadas do século passado e exerceu grande influência em educadores como Paulo Freire.

Nesse sentido, o aprender é dinâmico, intenso, vivo, conforme citação feita por Freire e Nogueira (2005) a partir do testemunho de uma habitante da favela:

Aprender de vocês a gente aprende num é porque vocês tem estudo e tem diploma. Num é só por isso. Aprender é movimentar a pessoa naquilo que ela antes pensou não saber, depois se encontrou no acontecimento e essa pessoa aprender a aprender. Aprender de um outro fazer porque o outro tem enquanto tudo é quando essa pessoa ganha firmeza de confiança na raiz dela. Nós tem o importante, porque sem ter sido feito naquilo, o fulano é que tem nuvem que vai tocada no vento (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 36-37).

Percebemos neste testemunho relacionado ao conceito de aprender que, o aprender não é simplesmente resultado de transmissão de conteúdos advindo de um sujeito A possuidor de diplomas e títulos, para um grupo B receptor da informação. Para a educação popular, aprender também é movimento. O aprender possibilita que os sujeitos engajados saiam de uma situação A, para outras situações B, C, D. O aprender, como a educação popular entende, abre diversas perspectivas em nível de conhecimento e ação. Como resultado, o aprender possibilita a mobilização, capacitação e organização das classes populares em torno de uma prática que leva a novos aprendizados.

Notamos que aprender para essa pessoa é envolvimento com suas raízes, ou seja, de sua realidade, com desafios a serem resolvidos constantemente, aprender para essa pessoa é interação, conciliação, entre teoria e prática, pois ao aproximar os saberes das realidades que estes estão inseridos dá-se o aprendizado.

Assim, por meio da educação popular os sujeitos podem desenvolver a consciência crítica, vivenciando a realidade do mundo e da sociedade. Para Freire (2006) na obra: “Conscientização: teoria e prática da libertação”, há três modos de se ver o mundo: o modo fatalista, modo estático e modo dinâmico. Os dois primeiros para Freire (2006, p. 37), são caracterizados pela experiência do silêncio: “O tema do silêncio sugere uma estrutura do mutismo frente à força esmagadora das situações-limite”, ou seja, quando as massas estão incapacitadas de falar ou de se expressar verbalmente.

Por outro lado, o silêncio encoraja o modo fatalista de compreender a realidade. O fatalismo faz parte de uma visão de mundo na qual as coisas já estariam pré-determinadas e não haveria como alterá-las. Por exemplo, a existência de ricos e pobres seria um fenômeno natural, já que ela é parte do passado, presente e, assim, se repetirá no futuro.

Desse modo, sempre haverá uma escola para os ricos e uma para os pobres, sempre teremos hospitais para ricos e outros para os pobres. Seria normal o fato de que

nas grandes cidades dos países em desenvolvimento, possuem áreas voltadas para os ricos circundadas por grandes áreas destinadas à pobreza e à miséria. Na visão fatalista do mundo, as coisas são e tendem a permanecer assim.

As pessoas que têm uma concepção dinâmica da realidade pensam diferente. No grupo ao qual Débora faz parte, o mundo não é determinado por forças estranhas ao ponto daquela realidade não ser alterada. Naquele contexto, o diálogo animado pela educadora popular encoraja a dinamicidade da situação, em vista de uma compreensão crítica e inacabada daquela realidade.

Sendo assim, esta experiência não condiz com a educação popular, que tem como característica a interação entre os sujeitos. A educação popular estaria dentro da concepção de modo dinâmico, em que a interação com o meio e o convívio social são geradores do ensino-aprendizagem. O desemprego e a violência não podem ser considerados como coisas normais. Assim, por meio da educação popular, os sujeitos percebem suas realidades, refletem sobre ela e interagem de forma a transformar e modificar o meio no qual estão inseridos. As pessoas se constroem pela ação e na ação. Isso é a conscientização, um dos conceitos-chave do itinerário pedagógico de Paulo Freire, conforme citação:

Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo *conscientização* por ser este o conceito central de minhas ideias sobre a educação. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente CONVENCIDO de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade (FREIRE, 2006, p. 29).

A conscientização, nesse caso, não é resultado somente das práticas pedagógicas advindas da educação formal. Em sua conexão com a educação, o conceito é amplo, e inclui, por conseguinte, a educação como teoria e prática dos desprivilegiados: a educação popular. A visão dinâmica desenvolvida por grupos envolvidos pela educação popular equilibra as distorções resultantes de saberes voltados para abstrações que não levam a soluções concretas. Por outro lado, evita o ativismo cego das massas, dadas a carência de reflexão e discussão em grupo da realidade na qual estão inseridas. Para Freire (2006, p. 38): “Os homens-em-situação encontram-se submersos em condições espaços-temporais que influem neles e nas quais eles igualmente influem”.

De acordo com Paulo Freire (2006) em “Conscientização Teoria e Prática da Libertação”:

Cada homem está situado no espaço e no tempo, no sentido em que vive numa época precisa, num lugar preciso, num contexto social e cultural preciso. O homem é um ser de raízes espaço-temporais. Para ser válida, a educação deve considerar a vocação ontológica do homem – vocação de ser sujeito – e as condições em que ele vive: em tal lugar exato, em tal momento, em tal contexto (FREIRE, 2006, p. 39).

Percebemos que toda ação educativa deve estar precedida de uma reflexão sobre o homem e uma análise concreta do contexto em que o mesmo está inserido, pois o homem tem por vocação ser sujeito, e não objeto. Na condição de objeto, o ser humano é facilmente manipulado pelo meio em que ele vive. Frequentar a escola, ou a universidade, não dá garantias do sujeito ser protagonista da história. De acordo com Freire (2006, p. 39): “A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto na sociedade na qual o homem está radicado”.

Com relação ao exposto acima, Freire (2006) acentua que o autêntico papel da educação em geral não é o de simplesmente ajustar o ser humano ao meio em que vive. Por exemplo, se o meio em que ele vive reflete uma situação de desigualdade e opressão, a educação não deve ser mecanismo de ajustamento do ser humano para com esse meio. A educação não é neutra. A educação deve ser libertadora e deve, por isso mesmo, encorajar o ser humano para a transformação do contexto em que ele vive, conforme citação:

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças a qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo, à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha (FREIRE, 2006, p. 40).

Neste sentido, a educação popular não é um programa ou projeto pedagógico que vai ser implementado em determinada situação. A educação popular existe quando pessoas do meio popular em qualquer tempo e lugar se reúnem, animadas ou não por um intelectual de classe média, para discutirem sobre a sua precária situação social e os meios que possibilitam de saírem dessa condição, enquanto unidade cooperativa. Freire (2005) afasta soluções advindas de gregarismos ou individualismos.

No gregarismo, a massa é massa. As soluções advêm de caudilhos, chefes políticos populistas cujo objetivo é o de propor saídas imediatistas, como a distribuição de cestas básicas para os mais pobres. No individualismo, cada um quer salvar sua própria pele, pois cada um só pensa em si mesmo. O comando está baseado no “salve-se quem puder”.

Concluindo esse tópico, vimos o conceito de educação popular a partir de exemplos concretos vivenciados por Freire. Mesmo fora da estrutura da educação formal, as pessoas podem aprender e ensinar conjuntamente, a partir dos encontros interativos nos quais as discussões sobre a difícil realidade levam a soluções de problemas estruturais.

O resultado dessa argumentação nos levou ao conceito de *conscientização*, no qual os sujeitos em comum, a partir de enfrentamentos sociais, almejam uma compreensão dinâmica, portanto não estática, da realidade. A educação popular, nesse aspecto, tem por objetivo conscientizar os homens, provocando uma criticidade e reflexão que comprometa uma ação sobre seu meio educando cidadãos, a saber, lidar e conhecer sua realidade para poder agir e lutar contra as adversidades.

2.3.3 Educação Popular: reprodução e transformação social

Nesse último tópico, o nosso objetivo é o discutir a educação popular como processo que leva à transformação social, em contraste como a atuação de “técnicos” cuja metodologia de ação é ineficaz, reproduzindo assim a precária situação social na qual as pessoas vivem.

Freire e Nogueira (2005), na obra “Que fazer: teoria e prática da educação popular”, relatam um exemplo advindo das pessoas do meio popular, de como pode operar a ineficácia da atuação de “técnicos” sobre esse meio, conforme citação:

Eu vejo se as pessoas estão se acompanhando, fico olhando que nem coruja no toco, os técnico conversa com as pessoas, eles fala de problema que é da vida da favela. Quando é na próxima reunião eu olho de novo se a conversa começa naquilo que foi falado antes, então uma reunião emenda com a outra. Aí é que eu vejo se esses técnico estão entendendo a vida da favela ou se eles estão só desfilando problemas. Porque a gente tem diferença na linguagem e é nas soluções que eu vejo se tá sendo traduzindo uma pras outras (FREIRE, 2005, p. 39).

Percebemos com esse relato que as pessoas entendem quando a intervenção é transformadora, ou não. No caso dos “técnicos”, observamos alguns problemas, a seguir. Primeiro, a conversa em torno de problemas da favela são sempre repetitivas. Ou seja, a cada encontro, “os técnicos” repetem o mesmo discurso, apresentam os mesmos problemas, sem muito avanço na solução dos mesmos. A verborreia torna-se cansativa, e as pessoas da favela logo percebem que essas conversas não levarão a nada.

Talvez essa conversa sirva para preencher algumas estatísticas que servirão para alguma secretaria de educação, e por ali mesmo ficarão. Talvez seja algum intelectual de olho em alguma dissertação de mestrado ou tese de doutorado para obter algum título acadêmico e, depois, adeus favela. O fato é que a distância dos problemas do povo é a marca dessa metodologia.

Nessa perspectiva, a preocupação em entender a realidade do povo só serve para preencher estatísticas e garantir mais títulos acadêmicos. Falta a imersão na realidade da favela, a metodologia carece da convivência. A aproximação é abstrata, o diálogo autêntico fica comprometido, pois é sempre mais um “técnico” inteligente que vai até a favela para compreender, de acordo com suas teorias e estatísticas, o que o povo passa na favela. Ele consegue abstrair conceitos e números, mas na concepção de Freire e Nogueira (2005, p. 40), ele não vai conseguir aprender, conforme citação:

O técnico, o intelectual que se aproxima deles e leva uma lista de problemas ou críticas e faz discursos em cada contato é um técnico que abstratamente se aproximou. E se torna como o jornal da TV: ele apenas emite, apenas informa sem interagir e sem politizar. Portanto, é um intelectual que não sabe aprender.

Observando esse contexto, podemos aludir ao conceito de “concepção bancária³” da educação, conceito este essencial na pedagogia de Freire (2006). Podemos observar na obra: “Pedagogia do oprimido” como se estabelece a relação entre educador e educando nessa concepção de educação. Para Freire (2011, p. 81):

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador.

Contudo, há um choque de relações entre: os “técnicos” inteligentes e o povo da favela; Débora (educadora popular) e o mesmo povo mencionado. Nesse aspecto, o povo sabe diferenciar o método do educador popular e do “técnico”. Neste, o povo da favela será resultado de mais um número para algum quadro estatístico. O “técnico” já vem com tudo pronto, por exemplo: já há a metodologia a ser aplicada, objetivos da pesquisa, referencial teórico etc. O “técnico” não “mergulha” na vida do povo, mantém a distância, a frieza, a excessiva formalidade. Não há identidade entre um e outro, não é uma relação dialógica. Para o “técnico”, não há nada a aprender com o povo ignorante,

³ A educação “bancária”, como veremos adiante, é um dos principais conceitos da pedagogia freiriana.

portanto, não há um autêntico ensino-aprendizagem, na concepção de Freire e Nogueira (2005).

Como resultado, a interação entre os “técnicos” e o povo não garante nenhuma mudança da realidade oprimida daquela situação social. O que continuará existindo de fato é a perpetuação da miséria e da exploração da classe oprimida, já que as “conversas” sempre repetidas não levarão a nada. O povo da favela onde atua o educador popular, reconhece essas distorções. Conforme Freire e Nogueira (2005, p. 40): “É o que dizem bonitamente. Reivindicando uma concreta interação entre duas formas de SABER”, os autores dão ênfase e destacam a palavra saber, para que os seus leitores percebam sua importância.

Por outro lado, quando o texto vem do contexto através da relação dialógica entre o educador popular e o povo da favela, a situação muda de aspecto. A experiência concreta do povo o leva a procurar entender melhor os seus problemas com vistas a transformá-los. O educador popular imerso na realidade do povo ensina as soluções a partir de novos métodos e técnicas, alguns destes métodos desconhecidos do povo, e aprende com ele sua forma de pensar e enxergar o mundo. Aprende com o povo suas dificuldades e suas próprias formas de superá-las.

O povo aprende novos conhecimentos, mas ensina o educador a lidar com a vida real diante de situações de pobreza. A autenticidade do ensino-aprendizagem se realiza na dialogicidade resultante do método da “educação problematizadora”, conforme (FREIRE, 2011, p. 89) “Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação”.

Neste sentido, a educação popular é práxis, ou seja, educação que liberta, é reflexão-ação dos homens sobre o mundo, para transformá-lo. Sem ela, torna-se mais difícil a superação da contradição opressor-oprimidos. Com isso, o processo de ensinar e aprender para esses moradores da favela que participam dessas reuniões, significa retomar os contextos nos quais eles estão inseridos, tentando levar para os problemas as devidas soluções de forma crítica, consciente e real, para que se possa por meio do processo de ensino-aprendizagem levar a transformação social.

Não podemos entender, segundo Freire (2005), a relação entre educação popular e transformação social sem uma certa dose de utopia. A educação popular não leva necessariamente as pessoas à um pragmatismo político, o principal objetivo da educação popular é o de incutir na vida das pessoas do meio popular uma consciência crítica. A

transformação social pode vir a ser realidade em determinados aspectos específicos da comunidade, mas, ela não deixará de ser utopia, sonho. E é o sonho de uma vida digna que vai servir de incentivo à atuação dos sujeitos.

Finalizo este ponto e este tema, Adriano. Haverá momentos em que fulano e siclano, moradores da periferia ou membros da favela, eles “acordam” dizendo-se: “pra que meu sonho seja não apenas Utopia, eu preciso agir”. Isto é... Adriano... se o sonho se aproxima dos sonhadores é porque eles se organizam, eles agiram com o sonho na MÃO (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 43-44).

Concluindo esse tópico, vimos a diferença entre posturas advindas da relação entre educadores e educandos tendo como base o ensino-aprendizagem. No primeiro caso, analisamos aquilo que seria a atuação de “técnicos” nas comunidades de periferias. Essa atuação é caracterizada como “conversas” repetitivas que não levam a nenhum resultado. Por outro lado, esses “técnicos” não conseguem mergulhar na vida das pessoas, já que a relação entre eles é de formalidade. Os “técnicos” estão ali para informar, não interagem, não sabe aprender, talvez porque pensem que não há o que aprender com os “ignorantes”. Nesse aspecto, fizemos uma alusão à “concepção bancária” da educação.

Em seguida, comparamos a atividade dos “técnicos” com o educador popular. Vimos diferenças significativas entre uma postura e outra. Por exemplo, o educador popular interage com as pessoas da favela, se humaniza com elas. Sabe que está ali num processo dialógico, para ensinar e para aprender. Nesse processo dialógico, percebemos a educação popular em ação por meio do método da “educação problematizadora”, quando educador e educandos, juntos aprendem e ensinam. Esse aprender e ensinar em conjunto a partir da realidade em que estão inseridos os levam a pensar numa transformação social, a partir da negação da realidade desumana na qual vivem.

3. CONCLUSÃO

Nosso trabalho consistiu em discutir e analisar a importância da educação popular para a formação dos sujeitos. Para chegar a tal objetivo, abordamos o conceito de educação popular, levando em consideração para tal debate, a teoria de Freire e Nogueira (2005). Estes apresentam um conceito de educação popular a partir de três razões, são elas: políticas, industriais e os dilemas que circundam a educação formal.

Com isso, Freire e Nogueira (2005) preparam o leitor para compreenderem o método da educação popular a sua operacionalização, com vistas ao desenvolvimento dos sujeitos em meio aos contextos desafiadores nos quais os mesmos estão inseridos.

Depois de abordarmos o conceito de educação popular, discutimos a temática relacionada a educação popular enquanto encorajadora da conscientização das pessoas. Partimos, embasados em Freire (2006), da concepção segundo a qual: a educação só é válida se estabelece uma dialética entre os sujeitos, tornando-os críticos. O resultado dessa argumentação nos levou ao conceito de *conscientização*, no qual os sujeitos em comum, a partir de enfrentamentos sociais almejam uma compreensão dinâmica, portanto não estática, da realidade. A educação popular, nesse aspecto, tem por objetivo conscientizar os homens, provocando uma criticidade e reflexão que os leve à uma ação para saber lidar e lutar contra as adversidades.

O último tópico abordado na pesquisa esteve relacionado ao conceito de educação enquanto reprodução e transformação social. Como exemplos, vimos a diferença de atuação dos “técnicos” e dos educadores populares. Aqueles, não se “molham” na realidade do povo das favelas, já que predomina o formalismo e a distância entre ambos. Esse tipo de atuação favorece a estrutura do poder dominante. Em contraste, analisamos a atuação do educador popular, que interage de forma efetiva, ao conversar de forma aberta e dialógica com o povo da favela, sobre a situação concreta. Os muros entre ambos são demolidos, e juntos podem, por meio da experiência da educação popular, aprender e ensinar.

Diante das exposições e análises, os resultados apontam que, a educação popular tem importância para a formação dos sujeitos envolvidos na sociedade, pois desde seu crescimento recebe diversas influências do meio em que está inserido, meio este marcado pela desigualdade e exploração econômica. E assim, refletindo sobre as barreiras impostas pelo cotidiano, esses sujeitos podem por meio do diálogo, enfrentar e superar o processo de desumanização social.

PAULO FREIRE AND THE CONCEPT OF EDUCATION POPULAR AS RESULT OF TEACHING-LEARNING

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate the concept of popular education as a result of teaching-learning, based on the ideas of Paulo Freire. To develop our work we start from the concept and the emergence of popular education from the perspective of Freire and Nogueira (2005). Supported by the ideas of Libâneo (2008) and Arruda Aranha (2006), we have seen that popular education is confined between nonformal and informal education, since this type of education arises as a result of the failure of public education. Then, we relate popular education to awareness, one of the central themes of Freire's pedagogy (2006). Finally, we inserted the discussion involving popular education contrasting the performances of "technicians" and popular educators. Based on Freire (2011), we use the concepts of banking education as a guide for the action of "technicians" and "problem-making education" as guiding the action of popular educators. In these contrasts, we perceive that the result of the action of technicians in building walls between teaching and learning, favors a type of pedagogical deformation in which there is the naturalization and perpetuation of inequalities. In contrast, the action / reflection built by the educators and the people of the communities, encourages social transformation in view of the humanization of society.

KEYWORDS: Popular Education. Teaching-learning. Awareness.

REFERÊNCIAS

ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia de. **Filosofia da educação**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SEVERINO. Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.